

A PÓS-MODERNIDADE E O ILUMINISMO ENCONTROS E DESENCONTROS

Alfredo Matta
Professor CEPPEV / UNEB / UCSAL
Francisco Cancela
Graduando UCSAL

O artigo trabalha o Iluminismo, identificado como discurso da modernidade, pelos pensadores ditos pós-modernos e outros, buscando identificar o que há mesmo de contradição e encontro entre as duas correntes de pensamento e sua relação com o Marxismo.

Considerações Iniciais

Desde o final do século XX se tornou cada vez mais forte uma tendência de pensamento que procurou interpretar o tempo presente como sendo o final do que se convencionou chamar de tempos modernos ou modernidade.

A modernidade em questão foi considerada principalmente, e quase absolutamente, como sendo um discurso de origem iluminista, localizado nos séculos XVIII e XIX europeu, que, segundo os pós-modernos, defendia e divulgava o uso da ciência e da racionalidade sistematizada e científica como forma de compreender e conhecer o mundo de maneira objetiva e universalmente válida. Esta universalidade é vista como uma estratégia persistente e violenta para impor verdades absolutas que davam vantagem a alguns grupos ou sociedades, em especial sociedades européias, o que teria originado ao menos 3 séculos de eurocentrismo.

Será que o iluminismo foi mesmo objetivo e totalizante, e sua racionalidade dita linear seria de fato como interpretam estas correntes? Por outro lado, questiona-se também se a modernidade pode ser identificada apenas com uma forma de discurso ou aparato ideológico. Não seria melhor que fosse considerada desde o ponto de vista do modo de reprodução e produção social?

Este trabalho pretende encontrar criticamente as posições que analisam o iluminismo, de forma simplória, como pensamento absoluto e mecanicista, verificando o quanto elas podem estar distorcendo idéias e processos históricos, e dificultando a construção de proposições basilares para movimentos sociais cada vez mais necessários neste mundo cada vez mais insustentável.

Há também o interesse em mostrar como o principal objetivo destas posições não é o de criticar o positivismo, ou iluminismo, mas sim atingir o marxismo e as concepções dialéticas da

história e da filosofia. Estas são atacadas por equívocos sobrepostos: em primeiro lugar por ser erroneamente associada ao iluminismo. Mas, além disso, devido ao erro inicial de análise sobre o próprio iluminismo e sobre a racionalidade que ele defenderia. O trabalho pertence, portanto à discussão temática sobre a relação entre o Marxismo e as Ciências Humanas.

Sobre a origem e o sentido histórico da pós-modernidade.

Desde o pós a Segunda Guerra Mundial até o final dos anos 60 do século XX, existiu um intenso crescimento da sociedade de mercado. Segundo Ellen Wood, uma década depois dos mágicos anos 60, a sociedade de mercado mundializada entrou em um período de estagnação aguda do qual ainda não saiu. As bolhas de crescimento observadas desde então são obras de operações sobre capital acumulado improdutivo, e não de um crescimento produtivo.

A mesma autora propõe que os anos 60, chamados por ela de “idade do ouro” do capital, são o berço do pensamento pós-moderno, formado por intelectuais que viveram o crescimento e *boon* da sociedade de consumo. Após a crise dos anos 70, este grupo permaneceu encantado com a sociedade de mercado, saudosistas e defensores de sua práxis social. Pregavam a vitória do capitalismo e celebravam o consumismo, e a idéia mais tarde geradora da tese do “fim da história”, de que não havia como mudar a sociedade, sendo melhor optar por aceitar suas regras e processos sociais, e lutar por questões relativas à individualidade de cada um. Embora se reconheça influências antigas de pensadores como Nietzsche, e outros como Derrida, Foucault, Lyotard e Lacan, a principal influência para a atual ideologia do pós-moderno está nos estudantes e na geração de 1960¹.

Esta argumentação é importante por identificar a pós-modernidade como sendo histórica e relacionada com um momento específico da modernidade, ou seja, da sociedade de mercado capitalista, para com a qual é argumentação favorável e defesa de práticas e de sua permanência, de forma praticamente eterna².

Porém, como a pós-modernidade nega a generalização, a totalidade, e o processo de construção histórica causal, ao mesmo tempo falando de uma nova época e realidade pós-industrial, instala-se um paradoxo. A pós-modernidade é o primeiro movimento ideológico da

¹ WOOD, Ellen. O que é a agenda “pós-moderna”? in WOOD, Ellen & FOSTER, John. **Em defesa da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999, p. 9.

² HARVEY, David. **The condition of postmodernity**. Oxford: Basil Blackwell, 1990.

humanidade, que prega e trabalha por uma mudança e transformação de época, baseada na negação da História. Uma contradição só entendida ao verificarmos que a pós-modernidade prega a mudança de discursos, de prática comunicativa, de conduta política, mas quanto à práxis social e reprodução sócio-metabólica, defende e se aquartela, nos mesmos processos e modos reprodutivos da década de sessenta. Nesse ponto percebe-se que ela de fato não trabalha com nenhuma mudança fundamental e sim com a manutenção e reprodução conservadora do sistema, processos e práxis que a gerou.

Para eles, o aspecto dominante da sociedade capitalista é o consumismo. Nessa visão a sociedade de mercado, vista como uma espécie de “sociedade natural” seria composta pela multiplicidade de padrões de consumo e pela proliferação infinita de estilos de vida. Nesse processo cada indivíduo pode apreciar a “vitrine” e a simbologia de representações da vida e das possibilidades de escolha, para optar a cada momento com o que re-significará seu dia. Um indivíduo pode resolver adotar o budismo pela manhã, ser ateu às 16 horas, mas lá pela noite adorar Jesus Cristo. Isso hoje. Mas amanhã pode ser a adoração do diabo, tudo sem que se altere sua práxis diária, e nem sua relação “funcional” com o sistema. As escolhas já não fazem mais parte da práxis de vida, sempre moldada pelo *shopping center*, pela moda, ou seja, sempre de mercado. Já não importam em quase nada as relações entre as representações do indivíduo e sua reprodução social cotidiana. Esvazia-se a cultura como práxis.

A idéia de progresso está solapada, as misérias e desastres sociais cada vez mais visíveis, e mais perto, mas a retórica fechada apenas permite perceber que algo vai mal, mas pode ser apenas uma representação social ou meta narrativa, o melhor é assistir ao espetáculo das tecnologias. Como diz Ellen Wood, o pós-modernismo se assemelha às ambigüidades do capitalismo, vistas por aqueles que desfrutam (ainda) de seus benefícios.

Sobre o pensamento expresso pela corrente

A mesma autora expressa bastante bem alguns elementos contraditórios, mas fundamentais, para que se compreenda a pós-modernidade³. Segundo ela os pós-modernos negam frequentemente que sejam epistemicamente relativistas, ou seja, afirmam a cientificidade de seu pensamento, e insistem que existe um mundo “real” lá fora. Mas a contradição está na suposição epistemológica, fortemente defendida e aplicada por eles, de que o conhecimento

humano é limitado pela língua ou pela cultura. Em outras palavras a ciência não pode aspirar a apreender ou mesmo aproximar-se de alguma realidade externa comum aos sujeitos e comunidades mais amplas, sendo assim a verdade relativa ao particularismo lingüístico.

A conseqüência mais danosa deste relativismo é o abandono taxativo das lutas sociais mais amplos. Uma vez que fica desqualificado o que consideram de grandes narrativas ou meta narrativas de natureza causal, não é possível analisar e descobrir as origens, muito menos processos, dos sistemas e pressões opressoras. Logicamente também se tornam impossíveis as oposições unificadas, assim como a contestação geral do capitalismo, como os socialistas costumam pensar.

Um dos fundamentos teóricos desta posição está no aprisionamento que a pós-modernidade cria em relação à língua humana. Para David McNally, que chama a pós-modernidade de novo idealismo, o movimento alega que nada existe fora da língua, do texto ou do discurso. Este posicionamento, na prática, limita o que podemos ou não conhecer, o que podemos ou não racionalizar⁴. Para eles a opressão, em última análise, não existe não é concreta, pois é apenas parte da forma pela qual somos linguisticamente definidos.

Constrói-se assim um ataque a tudo que possa parecer uma racionalidade, tida como um discurso generalizante e preconceituoso, de um indivíduo ou grupo que tenta impor uma prática e sua opressão aos demais. Todo o iluminismo e o racionalismo dos séculos XVIII e XIX, assim como do XX são rejeitados como opção, classificados imediatamente como estratégias de opressão e enquadramento. O Iluminismo é atacado, mas quase não encontra quem o defenda, o que faz com que apareça de fato o verdadeiro alvo dos pós-modernistas, o marxismo e o pensamento dialético materialista, e sua proposta de compreensão do concreto, da História, das lutas sociais inter-relacionadas em todo o globo. A reação de teóricos e estudiosos materialistas foi imediata. Nos últimos anos vários estudos críticos sobre a pós-modernidade têm sido produzidos e divulgados, o que indica um combate ferrenho⁵. Enquanto isso, os que antes

³ WOOD, Ellen. Op. cit., p. 14 -15.

⁴ MCNALLY, David. **Língua, história e luta de classe** in WOOD, Ellen Op.cit., p. 30 - 32.

⁵ COGGIOLA, Osvaldo. **O capital contra a história**. São Paulo: Xamã, 2002; IANNI, Octavio. **Enigmas da modernidade-mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000; ANDERSON, Perry. **As origens da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998; REDONDO, Fernando e REDONDO, Maria. **Do capitalismo ao digitalismo**. Porto: Campo das letras, 2003; SANTANA, Marco e RAMALHO, José (Orgs.). **Além da fábrica**. São Paulo: Boitempo, 2003; GUIMARÃES, Juarez. **Crítica à razão liberal**. São Paulo: Xamã, 1998; WOOD, Ellen. **Democracia contra capitalismo. A renovação do materialismo histórico**. São Paulo, boitempo, 2003; MÉSZAROS, Istvan. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002; COURI,

militavam variadas correntes de historiografia e pensamento idealista de origem iluminista, aderiram rapidamente à novidade pós-moderna. Ou seja, o pensamento burguês de direita se renovou com a nova “onda”.

Analisando o iluminismo

Para estudar o iluminismo temos que compreender seu contexto histórico. O final do século XVIII foi marcado pela emancipação da classe burguesa na Europa Ocidental, que emergia juntamente com a hegemonia da sociedade baseada em mercado e lucro, nova forma hegemônica de reprodução da existência humana⁶.

A burguesia encontrava, porém, a dura oposição e o entrave das resistências de sociedades pré-capitalistas, em todos os continentes. As classes oligárquicas e senhoriais, ou outras, tradicionalmente hegemônicas, com poder construído sobre o prestígio e em relações de produção da existência baseada na propriedade dos recursos produtivos e na dependência das populações de seus redutos, eram fortes opositores⁷. Porém, somente com redutos mais fracos, ou inexistentes, a sociedade burguesa poderia exercer toda a plenitude de sua força ampliando os mercados. E sem os redutos os senhores simplesmente desaparecem⁸. A ordem burguesa e as ordens pré-capitalistas precisavam se enfrentar mesmo que não o desejassem.

A ordem burguesa e as pré-capitalistas eram rivais históricas, rivais na capacidade de reprodução social para o futuro: os sujeitos reproduziam sua existência de uma forma ou de outra, em um momento ou outro, de acordo com cada instância cotidiana, não por decisão exatamente subjetiva, ou exatamente consciente, como opção por uma ordem ou outra, sua preferida, mas pelas alternativas dialéticas de práxis social oferecidas à sua vida, quando da produção de seu momento, seu futuro, sua existência. Como a sociedade burguesa mostrou ter maior capacidade

Sérgio. **Capitalismo e Marxismo. Ensaio sobre a evolução do capitalismo e do marxismo**. Brasília: UNB, 2001;

⁶ ROBSBAWN, Eric. **A era das revoluções, 1789 – 1848**. São Paulo: Paz e terra. 2000. JAY, Peter. **A riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Recer, 2000. p. 145 – 264. HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Jahar Editores, 1983, p. 143 - 224; VILAR, Pierre. **Ouro e moeda na história, 1450 – 1920**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

⁷ COGGIOLA, Osvaldo. Op. cit., p. 11 – 46.

⁸ MATTA, Alfredo. Governadores e interventores da Bahia republicana. Testemunho de transformações das estruturas sociais do estado in **Bahia republicana governadores e interventores**. Salvador: UCSal.

reprodutiva ela foi ganhando espaço⁹. Mas isso não foi fácil nem de curto prazo. A disputa ferrenha caminhou por séculos e de certa forma ainda não acabou.

A burguesia necessitou de todo tipo de estratégia. Por exemplo, de uma estratégia para criar ideologias favoráveis à sua práxis, e aos poucos conseguir competir e sobrepujar as práxis pré-capitalistas diversas que contradiziam sua lógica então emergente.

O Iluminismo foi o movimento que realizou esta estratégia. Pregava a liberdade, a cidadania, à sociedade civil, a democracia – eram princípios da declaração dos direitos do homem.

A ciência e a metodologia de investigação defendida pelos iluministas jamais poderiam ter sido totalizantes ou absolutas¹⁰. Jamais poderiam ser classificadas como impositoras de verdades absolutas, já que tinham como objetivo exatamente a defesa da sociedade de mercado e da emergência dos direitos do homem. A ciência iluminista era capaz de criar argumento de defesa, e auxiliar na construção de um ambiente favorável à diversidade de opção, à defesa dos direitos iguais e da cidadania, assim como de uma sociedade civil livre de privilégios e pré-conceitos, elemento essencial para o funcionamento do mercado em sua plenitude¹¹. Só que isso era apenas onde a hegemonia burguesa já fosse clara.

Era bem diferente quando se tratava das regiões de hegemonia pré-capitalista. Nesse caso o iluminismo aparecia como defensor dos direitos e impositor desta diversidade e cientificidade sobre o que chamava de superstição ou pré-conceitos que mantinham a ordem pré-capitalista. O discurso de verdade iluminista, objetivo, que só podia ser eurocêntrico, naquele momento, baseado na racionalidade científica, era então conveniente para minorar resistências. A verdade das luzes era uma noção de progresso, que apoiava a diversidade e os direitos contra as sociedades “atrasadas” em relação ao projeto hegemônico burguês. Era então o momento de avanço da sociedade burguesa, mais eficiente na reprodução social. Até mesmo sujeitos engajados em sociedades pré-capitalistas recebiam desta ideologia burguesa elementos para repensar sua práxis social e ensaiar transformações estruturais, como no caso do Brasil, fortemente influenciado pelo iluminismo, quando de movimentos como a Sabinada, os Alfaiates, a Confederação do Equador, a Inconfidência Mineira, a Revolução Praieira e outras que desejavam construir alternativas à ordem senhorial local então hegemônica¹². Para as sociedades

⁹ HARRIS, Marvin. **Cultural materialism. The struggle for a science of culture**. Boston: Altamira press, 2001.

¹⁰ CHASSOT, Attico. **A ciência, através dos tempos**. São Paulo: Moderna, 1994.

¹¹ PINSKY, Jaime e PINSKY, Carla (orgs.). **História da cidadania**. São Paulo: Contexto, 2003.

¹² MENDES Jr; Antonio e RICARDO, Maranhão. **Brasil História**. São Paulo: Brasiliense, 1983. v. 2.

que funcionavam com outra lógica que não burguesa o iluminismo era agressivo, irreverente, desqualificador, verdadeiramente destruidor, e capaz de dar elementos e justificativas para o colonialismo e a submissão não só dos povos, como das culturas, das práxis e da estrutura de suas sociedades.

O Iluminismo e sua ciência então podem ser caracterizados por sua abertura, flexibilidade, adaptabilidade, busca de aplicabilidade e produtividade, auto-crítica, tudo ao contrário do que acusam pensadores tidos como pós-modernos¹³. A rápida e versátil evolução da ciência iluminista revela exatamente isso: como era mutável, adaptável, crítica.

Mas o Iluminismo e sua ciência eram flexíveis quando convinha, e rígidos e absolutos da mesma forma. Isso era necessário, pois estava em jogo não só o avanço do modo de produção e reprodução da nova ordem, como também o controle social das classes subalternas da mesma, às quais não se podia permitir sair da linha.

O enfrentamento da práxis e do discurso de verdade das sociedades pré-capitalistas não poderia sair do controle da classe hegemônica burguesa, pois havia sempre a chance de que as transformações passassem do limite desejado pela burguesia de manutenção da propriedade privada dos meios de produção da existência. A universalidade e a ciência iluminista era então uma prática sob controle¹⁴. Os pós-modernos esquecem comumente que a ciência e a racionalidade não andam por si, mas sim sob controle e poder humano. Há sempre um sujeito que realiza a práxis social. A ciência iluminista estava sob controle das classes dominantes burguesas, que a financiavam, e por isso nada poderia virar ciência sem o crivo de aceitação do método adotado pela racionalidade universitária. Garantia-se que a verdade pudesse questionar as superstições e preconceitos da sociedade oligárquica senhorial, sem com isso ameaçar sair do caminho desejado pela burguesia. É errado então propor a linearidade e totalidade, ou desejo de ser absoluta fonte da verdade da ciência iluminista. O que era linear não era a ciência, como se ela fosse um “ser” em si, e sim a classe burguesa que não permitia de forma alguma a expansão das discussões e da racionalidade, para além da verdade que lhes interessava. Não havia permissão para o debate aberto, e menos ainda para a participação de todos os interessados. O

¹³ MORIN, Edgar. **Ciência e consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2000; LYOTARD, François. **O Pós-Moderno**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1986.

¹⁴ MONACORDA, Mario. **História da Educação**. São Paulo: Cortez, 2001; DREZE, Jacques e DEBELLE, Jean. **Concepções da universidade**. Fortaleza: UFC, 1983; MATTA, Alfredo. **Educação: ferramenta para a ascensão da burguesia**. MATTA, Alfredo (org.). **História em revista. Aspectos da Bahia republicana**. Salvador, 2004, v.1, p.7-20.

iluminismo era rígido e verdade absoluta seletivamente, e não em todos os casos, o que é radicalmente diferente daquilo que defendem os pós-modernos sobre o tema.

Já naquele tempo, como na atualidade, o racionalismo dialético e a ciência dialética foram muitas vezes perseguidos ou simplesmente rejeitados exatamente por estarem propondo uma racionalidade popular, compartilhada, participativa e sob controle das comunidades e dos diversos interessados, e não simplesmente relacionada ao progresso iluminista.

O universalismo da tolerância, uma criação liberal iluminista, é essencial para que a pluralidade seja aceita sem a multiplicação eterna de toda sorte de conflitos, o que seria de fato o fim da democracia do tipo almejada pela sociedade burguesa. A rejeição do iluminismo seria a própria rejeição desta democracia. A defesa dos princípios do iluminismo, assim como dos direitos humanos, é forte bandeira da pós-modernidade, a manipulação das verdades também, o que mostra o quanto a pós-modernidade é iluminista e, portanto bastante moderna.

Com relação ao pensamento materialista dialético então isso não faz o menor sentido. A abordagem de pesquisa e desenvolvimento metodológico da ciência idealista iluminista caminhou para tratar a natureza e todos os focos de seu estudo e pesquisa de forma objetivada e absoluta, não relativizando como cada realidade pertence a um contexto social, e que ela dialoga com cada sujeito de forma singular. A ciência idealista iluminista, e todas as formas derivadas de ciência burguesa posteriores, estudam sempre o objeto a pesquisar como uma entidade absoluta, abstrata e separada, jamais mediadora da existência de sujeitos humanos plurais com ela envolvidos. Descaracterizam, portanto o concreto da existência dos objetos, que só podem ser percebidos pelos homens por mediação, exatamente na medida de sua intersecção e interação com os sujeitos. O sujeito a serviço da burguesia, ou da ciência burguesa, em geral, elege arbitrariamente sua práxis e interação como sendo a exclusiva, ou pelo menos aquela aceita. Esquece as possibilidades dialéticas com outros sujeitos, elimina a possibilidade de estudo colaborativo e de construção dialética científica, para gerar uma versão mono focalizada, embora esquecendo disso, para que possa ser editada como a verdade para todos: a verdade burguesa. Isso até que outro interesse autorizado e burguês possa questionar o que estabelecido então, não sem antes a autorização de um diploma ou avaliação de qualidade, para que novamente seja construída outra versão do conhecimento sobre o tal objeto. A racionalidade dialética é dinâmica, probabilística e

totalmente plural, já está ligada à experiência de cada sujeito em sua práxis social¹⁵. A correlação das forças e tensões, as racionalidades, a objetividade sobre o concreto, só podem ser conseguidas momentaneamente e em práxis coletiva. Portanto é absurdo falar em qualquer tipo de totalidade ou verdade absoluta, ou imposição de pontos de vista ao se tratar de uma abordagem verdadeiramente dialética. Certamente a análise dialética fala de racionalidade, de análise causal das práxis e da história, e por isso mesmo ela reacende e anima a possibilidade de lutas por mundos melhores e mais justos, assim como as análises críticas da sociedade e de caráter generalista e coletiva, embora sempre se respeitando as especificidades dos sujeitos em suas práxis e contextos sociais.

Quando comparada à racionalidade iluminista, fica claro que esta última não valida os muitos interesses e práxis e sim apenas o objetivado, geralmente construído pelo interesse dominante. A ciência e racionalidade idealista iluminista estavam a serviço de uma classe. Uma racionalidade dialética comunitária é contrária a esta prática, mas ainda assim é racionalidade e procura a verdade própria de cada práxis. A pluralidade acontece pela complexidade e diferenças de sujeitos presentes e momentos da interação entre eles, isso faz de cada momento e situação uma construção de verdade. Esta racionalidade serviria para criticar a prática burguesa, o que certamente não interessa à pós-modernidade.

Considerações finais - Iluminismo e pós-modernidade: estes falsos inimigos.

Na prática a pós-modernidade e o pós-estruturalismo em geral, acabam por defender pequenas lutas localistas voltadas para o atendimento de interesses imediatos existenciais dos indivíduos e grupos unidos por identidades discursivas. Conseguem-se duas coisas:

- 1) Reunir aliados importantes ao seu discurso. Gente que necessita da igualdade tão pregada desde o século XVIII. Reunindo assim um grupo de militantes legítimos e facilmente aliados de seu discurso iluminista e defensor da cidadania. A burguesia consegue então importante aliado para seus planos: a pós modernidade.

¹⁵ GRAMSCI, Antônio. *Concepção dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981; LUCKÁCS, Georg. *Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx*. São Paulo: Livaria Editora Ciências Humanas, 1979.

- 2) Po e outro lado garantem expandir a sociedade de mercado e sua diversidade de opções, já que os que lutam de forma localista não incomodam e nem questionam de forma alguma o sistema, ao contrário, desejam para si características de sujeitos “incluídos” na sociedade de mercado.

O que parece acontecer é que a pós-modernidade transfere para o Iluminismo e sua universalidade a responsabilidade sobre todos os males e desastres da história. Ao fazer isso acaba por “livrar a cara” da sociedade de mercado, o que prepara espaço para que defenda o consumismo e a transformação de tudo em mercadoria como o que de fato seja a prática libertadora. Comemora-se então a sociedade de mercado.

Tudo isso leva a crer que, como afirma Terry Eagleton, o pós-modernismo seja uma reação e resultado do sucesso de capitalismo¹⁶. Partindo do princípio de que o Iluminismo lutava tenazmente por este sucesso, naquele período em que o mundo era quase todo pré-capitalista, podemos concluir o encontro do iluminismo idealista e da pós-modernidade no seu fim comum, a vitória do capitalismo, só que em dois momentos diferentes, o primeiro no início da luta, e o último festejando a vitória. Isso identifica os dois conjuntos ideológicos como pertencentes à mesma classe social e à sua hegemonia: a burguesia.

Iluminismo e Pós-modernidade mostram que são ideologias irmãs e existentes em função da afirmação da sociedade de mercado, só que em momentos diferentes, o da emergência e o da maturidade. A tarefa de alienar e escamotear são, portanto mais fortes agora, sob a atuação histórica da pós-modernidade. Desta forma se aclara a posição à direita da pós-modernidade e sua atuação anti-marxista.

¹⁶ EAGLETON, Terryen. Pós-modernismo e intelectuais. De onde vêm os pós-modernistas? in WOOD, Ellen. Op.cit., p. 30 - 32.